

# OS DESIGREJADOS: UM ESTUDO DO FENÔMENO E DA INFLUÊNCIA DA IGREJA NO AUMENTO DO NÚMERO DE CRISTÃOS SEM VÍNCULO INSTITUCIONAL

THE CHURCHLESS: A STUDY OF THE PHENOMENON AND THE INFLUENCE OF THE CHURCH ON THE INCREASE IN THE NUMBER OF CHRISTIANS WITHOUT INSTITUTIONAL TIES

Gerson Welmer Tetzner<sup>1</sup>

Paulo Moisés Nerbas<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo principal deste artigo é analisar o fenômeno dos desigrejados e suas decorrências nas práticas da igreja cristã. A pergunta que pretende ser respondida é sobre quem são os desigrejados e quais as suas razões para abandonar a igreja e a comunhão cristã. Sabe-se que o número de cristãos que optaram por viver sem vínculo institucional vem aumentando gradualmente nos últimos anos, de maneira que o assunto ganhou repercussão nos meios eclesiais e sociológicos. A presente pesquisa terá uma abordagem qualitativa e de natureza exploratória. Como procedimento técnico de investigação será empregada a pesquisa bibliográfica. Os resultados apontam que os desigrejados não constituem um grupo homogêneo. Sem desconsiderar a inclinação natural do ser humano em

---

1 Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil, ULBRA (2018); pós-graduado em Teologia e Ministério Pastoral pela ULBRA (2020). Artigo de conclusão para obtenção da Habilitação ao Ministério Pastoral, Seminário Concórdia (2020).

2 Professor orientador. Graduado em Teologia pelo Seminário Concórdia (1972); Letras, pela Faculdade Porto-Alegrense (1972), e mestre em Teologia Sistemática pelo Concordia Seminary, St. Louis, Estados Unidos (2002). Doutor *Honoris Causa* pelo Concordia Seminary, St. Louis, Estados Unidos (2009).

desprezar a Deus e seus dons, motivada pelo pecado original, o estudo revelou que os principais motivos para o desligamento institucional são os abusos cometidos pelas lideranças, o legalismo e o distanciamento entre discurso e prática. Essa realidade parece ter contribuído para o atual descrédito do cristianismo e do ministério pastoral. Influências externas como o individualismo crescente e a sociedade de consumo também contribuem para o crescimento do fenômeno. O principal desafio das igrejas parece ser realmente a quebra de estereótipos e o desenvolvimento de uma *práxis* baseada no acolhimento e no evangelho de Jesus Cristo.

**Palavras-chave:** Desigrejados. Igreja Institucional. Sociedade. Acolhimento. Comunhão cristã.

**Abstract:** The main objective of this article is to analyze the phenomenon of the churchless and its consequences to the Christian Church practices. The question that is to be answered concerns itself about who the churchless are and what are their reasons to drop Church and Christian Communion. It is known that the number of Christians that choose to live without any institutional bonds is growing gradually for the last years, making this matter reverberate among ecclesiastical and sociological environments. This research will use a qualitative approach of exploratory nature. As a technical procedure, it will use a bibliographical research. The results show that the churchless are not a homogeneous group. Without ignore the natural inclination of the human being to despise God and his gifts, motivated by original sin, the study revealed that the main reasons for institutional detachment are the abuses committed by leaders, the legalism and the incongruity between discourse and practice. This reality seems to have contributed to the current discredit of Christianity and the pastoral ministry. External influences as ever-growing individualism and the consumer society also contribute to the growth of the phenomenon. The main challenge for the Churches truly seems to be the deconstruction of stereotypes and the development of a practice based on reception and in the Gospel of Jesus Christ.

**Keywords:** Churchless. Institutional Church. Society. Reception. Christian Communion.

## INTRODUÇÃO

Dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) demonstraram um aumento significativo do número de brasileiros que se declaram cristãos, mas não possuem nenhum tipo de vínculo institucional. Segundo o censo de 2010, mais de 4 milhões de pessoas estão nesta condição.<sup>3</sup> Estes dados confirmam, de certa forma, aquilo que pastores e líderes religiosos sentem na prática ao olhar para os bancos inocupados de suas comunidades. Este estudo usará o termo “desigrejados”<sup>4</sup> para se referir a este grupo em especial.

É de suma importância salientar que este neologismo não se refere, necessariamente, aos que estão fora da igreja de Cristo, a *Una Sancta* das dogmáticas tradicionais. São chamadas de desigrejadas as pessoas que, pelos mais variados motivos, não mantêm nenhum tipo de vínculo institucional. Essa realidade tem sido vista como uma espécie de “reconfiguração religiosa”.

Nesse sentido, a pergunta que se faz é: Por que se foram o encanto, a paixão, a cor, o brilho nos olhos, os sonhos, a esperança de vivenciar a natureza e a essência da *ekklesia* de Jesus Cristo?

Sem nenhum tipo de preconceito ou estereótipo taxativo, esta pesquisa pretende estudar o fenômeno nos âmbitos social e eclesiológico, a partir da lógica do “conhecer, para melhor compreender, para melhor intervir”. Como lembra Bomilcar: “Aprender a ouvir, a acolher, a considerar piedosamente, sem juízo precipitado, tudo o que se esconde atrás de cada grupo, palavra ou opinião, é um bom alicerce para evitar o erro de nos considerarmos os donos da verdade ou aptos a julgar sem misericórdia” (BOMILCAR, 2012, p.55).

Inclusive, em muitos momentos, a reflexão assumirá uma postura autocrítica quanto a algumas práticas da igreja institucional, particularmente nos meios evangélicos e neopentecostais.<sup>5</sup>

---

3 Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137>>. Nos dados oficiais, a categoria em estudo aparece entre os “evangélicos não determinados”, que tem um número exato de 9.218.129 pessoas. Esta estimativa do número de “desigrejados” é feita por Campos (2017) e Marinho (2018), dentre outros. Como estes dados são de 2010, seguindo a tendência de crescimento nos últimos censos, entende-se que este número seja muito maior.

4 Não há um consenso quanto à origem do termo. No Brasil, aparentemente, o criador do neologismo “desigrejado” tenha sido o teólogo Augustus Nicodemus Lopes, em seu artigo “Desigrejados”, publicado em 5 de abril de 2010.

5 Embora ao longo do texto a ênfase pareça recair sobre as denominações evangélicas e, de forma especial, o neopentecostalismo, isso se deve ao fato de que boa parte da literatura consultada usa estes meios como fonte de estudo. O objetivo deste trabalho não é criticar um ou

Este trabalho parte ainda da premissa de que vale a pena tentar ser igreja, mesmo em meio às falhas próprias e dificuldades contemporâneas. Bomilcar levanta esta bandeira ao dizer:

Viver a graça, a graça do perdão, da reconciliação, da confissão, da longanimidade, da paz, do amor incondicional no caminho de ser igreja é o desafio a ser buscado, encontrado e superado. Nunca conheceremos suficientemente a graça em seu mistério e em sua profundidade, graça essa muitas vezes ignorada e desprezada em seu potencial curador e redentor [...] a igreja existe por vontade daquele que desejou se expressar comunitariamente na história para a implantação do seu reino (BOMILCAR, 2012, p.26-8).

É na igreja que Deus presenteia e alimenta o seu povo com tudo o que é necessário para vida de fé. Como define Kleinig, no culto regular os cristãos recebem a Palavra de forma verbal no sermão e de forma sacramental na ceia do Senhor (KLEINIG, 2019, p.98). De modo que a *ekklesia* é o *locus* onde o Espírito Santo desenvolve a salvação realizada por Jesus, e o meio ou canal pelo qual essa salvação se move aos confins da terra (GOHEEN, 2014, p.210).

Além da proposta analítica, este estudo sobre os desigrejados também tem uma preocupação missional. Alguns dos aspectos abordados pretendem chamar a atenção dos leitores e da igreja para esta realidade cada vez mais tangível, inclusive em meio ao luteranismo confessional (cf. PIERUCCI, 2004). Ao mesmo tempo, busca abrir caminhos ao diálogo e à aproximação, movidos pelo mesmo olhar que estava em Cristo. Isso porque, como aponta Linden, a missão nasce a partir de Jesus, e como fruto de sua compaixão, o Senhor continua enviando a sua igreja (LINDEN, 2011, p.78). Conforme relata o evangelista Mateus: “Ao ver as multidões, Jesus se compadeceu delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor” (Mt 9.36).<sup>6</sup>

---

outro segmento, mas levantar e refletir a temática, salientando sua importância e aplicabilidade a toda a igreja cristã institucional.

6 Todas as citações bíblicas deste trabalho seguirão a tradução da **Nova Almeida Atualizada** (Sociedade Bíblica do Brasil).

## QUEM SÃO OS DESIGREJADOS?

Para uma maior compreensão do fenômeno, faz-se necessária a análise de alguns aspectos sociológicos. É importante salientar que, como demonstra o estudo feito por Rodrigues, os desigrejados são um grupo heterogêneo, composto por diferentes tipos de indivíduos, mas não necessariamente desprovidos de crença (RODRIGUES, 2007, p.53). Santos define esta realidade da seguinte forma:

Por desigrejado, entende-se o indivíduo que decide viver a sua fé cristã evangélica fora do ambiente eclesialístico [...] é aquele que deixa a igreja institucional sem deixar de exercer a fé religiosa nela praticada, alguém que, não filiado às alternativas de denominação oferecidas, sejam elas tradicionais ou não, se identifica como cristão (SANTOS, 2018, p.14).

Da mesma forma, esses não constituem um grupo informe, sem nenhum tipo de organização. Muito pelo contrário. Como aponta Campos, existem literaturas,<sup>7</sup> sites<sup>8</sup> e toda uma teorização para justificar teologicamente o movimento (CAMPOS, 2017, p.26).

Bomilcar apresenta um quadro geral a respeito da temática: “quem está dentro de uma instituição, trabalhando nela ou sendo sustentado por ela, defende-a com unhas e dentes; quem já passou por alguma delas e saiu machucado e frustrado, não poupa críticas e tenta minimizar sua necessidade e importância” (BOMILCAR, 2012, p.32). Naturalmente, esta tensão gera certos preconceitos e críticas de ambas as partes. Como observa Rodrigues: “No caso dos cristãos sem igreja, trata-se de um grupo marginalizado dentro do meio evangélico e que, por sua vez, em muito

---

7 Alguns exemplos: *Cristianismo Pagão*, de Frank Viola; *Revolução*, de George Barna; *Life After Church*, de Brian Sanders; *How to Quit Church without Quitting God*, de Martin Zener, e *Bacia das Almas*: Confissões de um ex-dependente de igreja, de Paulo Brabo. No Brasil, Caio Fábio D’Araújo Filho, que inclusive se autointitula “pastor dos desigrejados”, faz críticas sérias à institucionalização do sagrado e à dogmatização do controle clerical e institucional dos sacramentos. Nos últimos anos, este ganhou grande influência por meios digitais, bem como pela produção de farta literatura a respeito do tema.

8 Um bom número de sites, como o [www.maisumdiscipulo.com](http://www.maisumdiscipulo.com) e [www.aosseuspes.com](http://www.aosseuspes.com) dedicam-se exclusivamente a este público. Também há uma série de blogs, como [www.caiofabio.net](http://www.caiofabio.net) e [www.igrejasimplesorganicanoslares.blogspot.com](http://www.igrejasimplesorganicanoslares.blogspot.com).

também não tenta se aproximar destes” (RODRIGUES, 2007, p.98). Esta polarização de interesses parece mostrar-se extremamente negativa para o cristianismo, pois cria inúmeras dificuldades de diálogo e aproximação.

A ausência de pertencimento pode ser transitória, causada por um desencantamento, ou mesmo permanente, fundada em uma concepção alternativa de espiritualidade (RODRIGUES, 2007, p.37). É interessante a observação feita por Azevedo, de que na igreja “há gente cansada, porque fez muito e acabou sufocada pela incompreensão e pela crítica. Há gente cansada por não ter feito nada. Há gente que se cansou de sua própria acomodação. Há gente cansada de esperar atitudes coerentes” (AZEVEDO, 2010, p.18).

Em seu estudo, Campos identificou que, de maneira geral, as pessoas que optam por viver sem igreja estão concentradas em dois grupos principais: os decepcionados com a liderança e os críticos do *modus operandi*. É importante conhecer um pouco mais sobre eles.

## **OS DECEPCIONADOS COM A LIDERANÇA**

Campos aponta que muitos cristãos acabam rompendo seus laços com a igreja institucional por causa de abusos cometidos pelas lideranças das comunidades (CAMPOS, 2017, p.31). Nesses casos, como observa César,<sup>9</sup> a sensibilidade parece ser essencial:

Caminhar sobre o solo do tema abuso espiritual exige cuidado [...] O solo é sagrado. Não é outro senão o coração de vítimas. As vítimas estão sempre fragilizadas e carregam consigo suas dores na carne e na alma. Jesus ensina a pisar no solo sagrado da intimidade com a cautela amorosa de quem não quer apagar o pavio que fumega [...] Implica o sopro singelo para que a chama se recupere desde as cinzas e o carinho necessário para que as feridas encontrem o caminho da cura (CÉSAR, 2013, p.11).

---

9 A jornalista Marília de Camargo César dedicou-se a escrever o polêmico livro *Feridos em nome da igreja*, onde trata especificamente a respeito do tema do abuso espiritual. Seu livro nasce de sua sofrida experiência pessoal, onde, após anos de dedicação à sua igreja, viu centenas de irmãos se afastarem por causa de acusações, como abuso de poder, manipulação e vantagens financeiras (cf. CÉSAR, 2013, p.17).

Os diferentes grupos estudados por Rodrigues apresentaram justificativas das mais diversas para o descontentamento com a igreja, mas algumas críticas se repetiram. São elas: o mercenarismo, excesso de normas, manipulação, fanatismo, intolerância, hipocrisia, falsidade e incoerência. Ainda foram citados: a reprovação ao comportamento das lideranças religiosas, desapontamentos pessoais e até notícias veiculadas pela mídia (RODRIGUES, 2007, p.45).

A partir de relatos verdadeiros, César pinta um retrato da realidade religiosa de boa parte das igrejas evangélicas brasileiras. Seu estudo identifica a existência de uma espécie de “manipulação da fé”, o que, segundo ela, pode trazer consequências graves. Ela escreve: “Quando a fé se deixa manipular, pessoas viram presas fáceis de toda sorte de abuso. A confiança autêntica e sincera em Deus é gradualmente substituída pela submissão acrítica aos desmandos de lideranças despreparadas” (CÉSAR, 2013, p.117). De maneira geral, pessoas simples e carentes de acolhimento acabam se tornando mais suscetíveis à manipulação, passando a viver sob o jugo de uma religiosidade “fútil e meritória”, barganhando a todo momento com Deus (CÉSAR, 2013, p.117). Campos traz também uma série de relatos de pessoas que passaram por situações semelhantes (cf. CAMPOS, 2017, p.31-48).

César destaca que esse tipo de “regime autocrático”, centrado na figura carismática do pastor evangélico, predomina nas igrejas mais novas, em especial nas pentecostais e neopentecostais. E, nelas, facilita a ocorrência de excessos de ordem financeira, emocional e psicológica (CÉSAR, 2013, p.119). Esses excessos acabam dando origem a outro fenômeno muito perceptível na sociedade: o trânsito religioso, que será tratado mais adiante.

Lopes também chama atenção para o fato de que várias das pessoas que hoje estão desigrejadas tentaram viver a sua fé no meio evangélico, inclusive em diferentes denominações. Com o passar do tempo, acabaram se sentindo exploradas e enganadas. São indivíduos que não só não frequentam mais os templos, mas estão feridos e blindados para toda e qualquer forma de organização eclesial (LOPES, 2019).<sup>10</sup> Como lembra Bomilcar, pessoas que estão machucadas por experiências negativas naturalmente resistem a novas experiências, pois simplesmente estão cansadas de tentar (BOMILCAR, 2012, p.25).

---

10 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xnUA0S0bJ1Y>>.

Com o passar do tempo, esse cansaço acaba se misturando a um sentimento de revolta que brota do legalismo e de promessas não cumpridas, somado ao discurso hipócrita de muitos pastores. César traz o relato de alguém que passou por essa situação durante vários anos de sua vida:

Comecei a achar que Deus tinha pisado na bola comigo. Eu obedeci a tudo o que ele me dissera (supostamente pela boca dos líderes da igreja), e acabei me dando mal. Prejudiquei minha casa indo para aquela igreja. Desde então, não consigo me reerguer [...] Faz dez meses que não abro a Bíblia e, quando vejo pastores pregando na televisão, sinto vontade de vomitar (CÉSAR, 2013, p.34).

Além de contribuir para o afastamento da igreja, essa realidade produz questionamentos à própria fidelidade de Deus, bem como sentimentos de vergonha e indignação que passam a acompanhar a vida dos desigrejados (CAMPOS, 2017, p.34).

Conforme foi destacado no início deste tópico, este é um assunto que demanda cuidado. Muitos dos desigrejados possuem feridas abertas em sua relação com a instituição igreja, o que acaba se refletindo em sua experiência de fé. Da mesma forma, esta compreensão mostra-se fundamental para qualquer iniciativa missional direcionada à reintegração destas pessoas no convívio de uma comunidade cristã.

## **OS CRÍTICOS DO *MODUS OPERANDI***

Muitos movimentos no cristianismo tiveram a igreja primitiva como modelo, procurando nela uma experiência de fé autêntica.<sup>11</sup> Uma parcela significativa dos desigrejados também enxergam na igreja do primeiro século o “modelo ideal”, buscando viver a sua fé de maneira independente, sem a necessidade de liturgias, templos e sistematizações doutrinárias.

Diferentemente daqueles que foram mencionados no tópico anterior, estes não possuem necessariamente um histórico de sofrimento, mas

---

11 Essa era uma das bandeiras do Movimento Pietista (séc. 16-18). Quakers, darvistas, anabatistas e muitos outros grupos tentaram e ainda tentam implantar esse resgate de práticas associadas à igreja cristã do primeiro século.

dedicam-se a questionar a organização e as práticas da igreja institucional (CAMPOS, 2017, p.30). Como aponta Maciel, eles acreditam que influências pagãs destruíram, ao longo dos séculos, a essência daquilo que Jesus propôs. Assim, toda forma de instituição, incluindo a Igreja Católica Romana, igrejas históricas e pentecostais, tornaram-se refêns de estruturas; submetendo-se a uma “superficialidade litúrgica” para pregar e viver a sua fé (MACIEL, 2015, p.91).

Em linhas gerais, os críticos da assim chamada “institucionalização do sagrado” defendem os seguintes pontos:

1. Jesus Cristo pode ser visto como um revolucionário que rompeu com os padrões da religiosidade de sua época. Ainda assim, não deixou qualquer forma de igreja organizada e institucional.
2. Já nos primeiros séculos, os cristãos se afastaram dos ensinamentos de Jesus, criando estruturas, inventando ofícios e elaborando hierarquias para proteger e defender uma instituição humana. Com a influência da filosofia grega na teologia e a oficialização do cristianismo pelo Império Romano, a igreja se corrompeu completamente.
3. Apesar da Reforma ter se levantado contra esta corrupção, os protestantes e evangélicos acabaram caindo nos mesmos erros, criando denominações organizadas e sistemas interligados de hierarquia. A própria elaboração de confissões de fé e catecismos “engessou” a mensagem de Jesus, impedindo o livre pensamento teológico.
4. A igreja verdadeira não tem prédios, cultos regulares aos domingos, tesouraria, ofícios, ofertas, dízimos, clero oficial, rol de membros, propriedades, escolas ou seminários.
5. Onde estiverem reunidos dois ou três que creem em Jesus, ali está a igreja, conforme ele mesmo prometeu. Assim, torna-se desnecessário ir regularmente a um templo ou pertencer a uma instituição organizada.
6. A igreja institucionalizada, como organização humana, tem falhado e caído em muitos erros, pecados e escândalos, prestando um desserviço ao evangelho. Sendo assim, é preciso sair dela para poder encontrar verdadeiramente a Deus (cf. CAMPOS, 2017; LOPES, 2010; VIOLA, 2005).

Nesse sentido, é possível identificar dois enfoques principais no pensamento dos críticos do *modus operandi*: uma fuga dos padrões, ao recusar o que a sociedade reconhece como cristianismo; e uma liberdade prática, ao defender uma fé baseada na experiência individual e livre de instituídos.

Esse foco na experiência pessoal, bem como a possibilidade de questionamento, vão ser alguns dos pressupostos que caracterizarão, em muito, o grupo dos cristãos sem igreja. Como destaca Maciel: “Dentro de uma fé cristã que está acostumada com igrejas institucionais, com regras fixas e um pastor que se coloca como hierarquia, o espaço da igreja orgânica seduz a uma espiritualidade mais livre” (MACIEL, 2015, p.91). A partir disso, muitos cristãos acabaram se recolhendo em grupos pequenos que se reúnem informalmente de casa em casa, salões alugados, parques ou escolas, evitando de todas as formas uma *práxis* ou formatação organizacional.

Bomilcar entende que, de certa forma, esses encontros e pequenas reuniões são sinais de que a esperança de viver a fé em comunhão com outros irmãos ainda está presente. Ele escreve: “É interessante perceber que muitos dos chamados sem-igreja, quase ao mesmo tempo que rejeitam e não estimulam mais a vivência da fé comunitária, também alimentam silenciosamente o desejo de pertencer a algum grupo” (BOMILCAR, 2012, p.88).

Certamente, essa percepção pode impulsionar as igrejas a não desistirem de sua tarefa de alcançar essas pessoas com a mensagem do evangelho, buscando reincorporá-las em seu convívio de fé. Além disso, como destaca Kleinig: “Quando cristãos leem a Bíblia por si mesmos podem se perder; podem achar difícil entender o que é dito, a menos que alguém os guie, explicando-lhes e aplicando essas palavras à sua situação” (KLEINIG, 2019, p.99).

Explicita-se, a partir disso, a necessidade constante de orientação espiritual. Pastores e líderes têm a nobre tarefa de humildemente, guiados pela Palavra de Deus, oferecerem essa orientação e estimularem a busca constante do sagrado e da vida comunitária. Da mesma forma, a sensibilidade e uma postura longânime para com aqueles que permanecem rebeldes contra qualquer forma de institucionalização da igreja de Cristo parece ser fundamental. Isso porque, como relata Bomilcar:

Ao contrário do senso comum, muitas dessas pessoas clamam por acolhimento e pastoreio. Acolhimento como seres humanos, pecadores, carentes, que buscam sanidade, como pessoas alcançadas e redimidas pela graça de Deus [...] O que tenho visto hoje é a realidade de pessoas que integram-se e jogam suas âncoras em comunidades onde foram aceitas e acolhidas como são [...] São seres humanos, procurando um ambiente para recomeçar, reconstruir e redirecionar a sua vida de fé (BOMILCAR, 2012, p.101).

Neste caso, cabe também lembrar das palavras do apóstolo Paulo: “Exortamos vocês, irmãos, a que admoestem os que vivem de forma desordenada, consolem os desanimados, amparem os fracos e sejam pacientes com todos” (1Ts 5.14).

Embora as abordagens feitas até aqui ofereçam alguns *insights* a respeito das causas do aumento do número de cristãos sem igreja, faz-se necessário um estudo mais detalhado das influências externas; afinal estes indivíduos estão inseridos em um contexto cultural e social específico, bem como uma análise das práticas internas que levam ao desencantamento com a igreja institucional.

## **INFLUÊNCIAS EXTERNAS**

O fenômeno dos desigrejados parece estar intimamente relacionado com a contemporaneidade. Como escreve Maciel: “Não é possível entender uma religião desvinculada de poder institucional sem se pensar em secularização, além da re colocação do ser humano e sua experiência como centro da religião sem considerar as influências da pós-modernidade” (MACIEL, 2015, p.88).

Em sua pesquisa sobre o declínio das religiões históricas, Pierucci classifica a sociedade brasileira como “pós-tradicional”, na qual:

os indivíduos tendem a se desencajar de seus antigos laços, por mais confortáveis que antes pudessem parecer. Desencadeia-se nelas um processo de desfiliação em que as pertencas sociais e culturais dos indivíduos, inclusive as religiosas, tornam-se opcionais e, mais que isso, revisáveis, e os vínculos, quase só experimentais e de

baixa consistência. Sofrem fatalmente com isso, claro, as religiões tradicionais (PIERUCCI, 2004, p.19).

O fenômeno para o qual Pierucci chama a atenção está relacionado à “crise de pertencimento”,<sup>12</sup> que se tornou uma realidade tangível nos dias atuais. Rodrigues observa que dentre as marcas registradas da pós-modernidade está uma profunda dificuldade em estabelecer vínculos. A sociedade não está preocupada com a valorização da fidelidade institucional e religiosa, que parece ter dado lugar à relativização e à fluidez. Nesse sentido, os ambientes religiosos plurais, orgânicos e diversificados têm ganhado cada vez mais espaço, por permitirem e valorizarem as experiências individuais (cf. RODRIGUES, 2011, p.6-8).

Campos aponta que os primeiros sinais dessa crise de pertencimento apareceram com o assim chamado “trânsito religioso”, mencionado anteriormente e muito comum no meio evangélico brasileiro. Nesse processo de infidelidade religiosa, o indivíduo muda de comunidade ou denominação conforme seus próprios anseios, gostos e convivência. Para ele, o movimento dos desigrejados é a forma mais extremada dessa crise de pertencimento (cf. CAMPOS, 2017, p.184-6). Como destaca Romeiro:

Quanto mais (os fiéis) transitam, mais se decepcionam. Quanto mais se decepcionam, mais transitam. Assim, uma ação alimenta a outra. Esses peregrinos da religião constituem boa parte do movimento dos sem-igreja, em que o pertencer deu lugar ao transitar (ROMEIRO, 2007, p.141).

Há de se destacar também que muitas dessas pessoas que sustentam esse “mercado” do trânsito religioso encontram-se em estado de vulnerabilidade social. Em sua busca constante por acolhimento, acabam enxergando nas igrejas um ambiente de fuga da realidade. Ainda outros procuram instituições cristãs meramente pelo assistencialismo que muitas

---

12 A expressão tem sido usada no campo da sociologia para descrever a incapacidade pós-moderna de estabelecer vínculos pessoais e institucionais duradouros, ao mesmo tempo em que o pertencimento tem se mostrado como uma necessidade humana. Nesse sentido, o indivíduo pós-moderno vive em um constante paradoxo: ao mesmo tempo em que procura por experiências comunitárias e de identidade, também evita que estes vínculos gerem qualquer tipo de comprometimento, o que limitaria sua liberdade e subjetividade.

delas oferecem, sem criar nenhum tipo de vínculo. Valla chama a atenção para esta realidade:

A busca da religião pelas classes populares é bem antiga [...] pode ser compreendida como um recurso encontrado para se obter um sentido de vida, de identidade e orientação diante das inúmeras dificuldades e incertezas presentes no dia-a-dia [...] Desse modo, a busca estaria mais relacionada com as soluções imediatas de seu cotidiano do que com a representação da salvação depois da morte. Isto se deve ao fato de que, com a carência material, as classes populares vivem no imediatismo [...] as experiências vividas os levam a se preocupar em prover o dia de hoje, o aqui e agora, já que o amanhã é incerto (VALLA, 2006, p.110).

Outro fenômeno perceptível na contemporaneidade é a assim chamada “cultura da indiferença”, que cada vez mais tem influenciado o modo de vida das pessoas e a sua relação com a sociedade. Ao refletir sobre ela, Dunker faz a seguinte observação:

Tudo aquilo que não se parece comigo, que está fora da minha zona de gosto, fora da minha forma de vida, que não combina com meu estilo e não se integra aos meus valores, eu coloco em uma zona da indiferença [...] esta se torna mais do que um efeito de distanciamento, mas uma política, uma atitude de enfrentamento pelo método da esquiva. A partir daí, buscamos a transformação da realidade ao invés de nós mesmos (DUNKER, 2017).<sup>13</sup>

De certa forma, a fala de Dunker reflete a realidade de boa parte dos desgrejados. Estes não só desenvolveram uma profunda indiferença em relação às igrejas, mas chegam ao ponto de ignorar e atacar sistematicamente qualquer forma de organização ou vinculação institucional.

Nesta linha, Rodrigues aponta que um dos motivos do desencantamento com as religiões tradicionais é o crescimento da busca individual pela espiritualidade como a experiência do divino, sem mediação. É uma nova proposta de religiosidade, voltada para o autoaperfeiçoamento, que “substitui a ideia tradicional de salvação, desloca a noção de igreja e troca

---

13 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NSQeGipn5Zw&list>>.

a distinção entre crente e descrente pela noção de espiritualidade” (RODRIGUES, 2007, p.40-1). Ela também chama a atenção para o surgimento de uma espécie de “código narcisista”, no qual o indivíduo não está mais preocupado com sua participação na comunidade, mas unicamente com suas próprias emoções e história. Automaticamente, ele se isola dos demais e “se retira das instituições, transferindo toda sua vida para o espaço mais íntimo, longe do público, onde se sente à vontade, inclusive, para estabelecer sua conversa particular com o divino, reprimindo manifestações públicas de emoções, opiniões e religiosidade” (RODRIGUES, 2007, p.52-3). Sendo assim, como destaca Santos, o desencantamento institucional, pelo menos a curto prazo, não representa um abandono da experiência religiosa em definitivo. As pessoas simplesmente deixam a igreja e recriam, de acordo com concepções formadas na individualização de suas crenças, uma nova forma de ser religioso que destoa do molde evangélico histórico-formal, apoiados na construção do “Deus de cada um” (SANTOS, 2018, p.47).

Essa incapacidade de pensar e viver de forma comunitária é uma das características mais presentes e nocivas do individualismo pós-moderno. Os conceitos de serviço, ajuda, perdão e consolo mútuos, que são ou pelo menos deveriam ser marcas de uma comunidade cristã,<sup>14</sup> simplesmente são substituídos pelos interesses próprios. Não há mais o dever ético do cuidado, de maneira que o indivíduo vive unicamente para si e não se sente obrigado a se dedicar aos outros. Como destaca Santos:

A lógica do individualismo provoca efeitos altamente desumanos no que tange aos vários aspectos da existência humana. Observa-se, assim, que o advento do consumismo solapou a ética da responsabilidade com o próximo e, com isso, os conceitos que residiam no universo semântico do dever ético e da preocupação moral pelo outro migraram para a autorrealização e do cálculo de riscos (SANTOS, 2019. p.24).

Bomilcar também chama a atenção para o fato de que cada vez mais as pessoas estão perdendo os vínculos e o senso comunitário. Como resultado,

---

14 Cf. João 13.34-35; 15.12,17; Romanos 12.9-21; 14.13-23; Gálatas 6.1-5; Colossenses 3.12-17; 1 Tessalonicenses 4.9-12; Hebreus 11.1-3; 1 João 4.7-8; 3.11,18; 1 Pedro 4.8.

observa-se uma profunda apatia e falta de sensibilidade ao sofrimento do próximo. Parece ser cada vez mais difícil pertencer à uma comunidade de fé, “chorar com os que choram” e “carregar as cargas uns dos outros” (BOMILCAR, 2012, 140-1). Inclusive, na perspectiva pós-moderna, a igreja institucional, com suas práticas de fé, conceitos dogmáticos e preceitos morais acaba se tornando uma barreira para a liberdade, a autorrealização e o conhecimento de si próprio.

Santos observa que, ao mesmo tempo em que se torna cada vez mais indiferente e desapegado de tudo, o indivíduo também passa a viver sem perspectivas, certezas absolutas e entregue à solidão. Ele escreve:

Enquanto algumas correntes pregam a solidez do homem contemporâneo, o que se detecta, notoriamente, é um ser extremamente fragilizado, atravessando sozinho seu deserto e com a certeza de estar só em sua peregrinação existencial, sem nenhum apoio [...] o homem se enxerga como alguém absolutamente vulnerável [...] deseja estar só, ao mesmo tempo em que não suporta a si mesmo estando só (SANTOS, 2019, p.43).

Verifica-se, a partir disso, que o individualismo e a cultura da indiferença oferecem uma falsa proposta de felicidade. Mesmo assim, estes fenômenos já deixaram suas marcas negativas na igreja institucional e no cristianismo como um todo. A crise de pertencimento, que certamente está relacionada com o aumento dos desigrejados, parece ser consequência de uma sociedade onde a condição da existência está baseada na autorrealização e no *Carpe Diem*. A igreja, os valores, os vínculos duradouros e os imperativos éticos são meros empecilhos que impedem o indivíduo de viver plenamente em seu oceano de incertezas e fluidez.

## PRÁTICAS INTERNAS

Em uma nobre busca por crescimento numérico e relevância, o cristianismo institucional, por vezes, deixou de considerar o cuidado com as pessoas, que, de certa forma, acabaram se tornando meras peças dessa grande engrenagem chamada igreja.

Em meio a uma sociedade de consumo, profundamente calcada no individualismo e na busca constante pela autossatisfação, as pessoas são

levadas a pensar de forma consumista, inclusive com relação à igreja. Ao escolherem um lugar para se congregarem, procuram identificar o que aquela comunidade específica pode oferecer em termos de estrutura, produtos, programas, cuidados ou projetos. Como aponta Bomilcar:

Raramente encontramos pessoas que olham a comunidade na qual pretendem se inserir para abençoar e edificar outros, para ajudar em um crescimento relacional de qualidade, onde podemos viver com nossa humanidade e liberdade cristã, com nossas virtudes e defeitos, buscando à adoração congregacional, comunhão, oração, ensino, evangelização e missão (BOMILCAR, 2012, p.130).

Essa mentalidade de consumo acabou tomando conta do discurso de muitas igrejas. Na dinâmica contemporânea, Jesus acabou se tornando um produto, que deve ser buscado de todas as formas para benefício próprio. Bomilcar destaca que, cada vez mais, se espalha na cultura popular a concepção de que “pequenas Igrejas são grandes negócios”. Se o “produto” Jesus puder gerar recursos e riquezas e, de quebra, abençoar a sua vida, esse parece ser o melhor caminho a ser seguido (BOMILCAR, 2012, p.135). Essa triste realidade já fora retratada por Rubem Alves em seu escrito “Sobre deuses, pássaros e gaiolas”:

O que os homens desejam não é a beleza de Deus. O que eles desejam é manipular o seu poder. O que eles querem é o milagre. O canto do pássaro poderia lhes dar asas para voar. Mas não é isso que querem. O que desejam é o poder do pássaro para continuar a rastejar: Deus, transformado em ferramenta. Ferramenta é um objeto que se usa para se atingir um fim desejado. Assim são os martelos, as tesouras, as panelas [...] O que as religiões desejam é transformar Deus em uma ferramenta a mais. A mais poderosa de todas. A ferramenta que realiza os desejos. [...] é assim que as religiões se multiplicam, porque os desejos dos homens não têm fim (ALVES, 2002, p.21-2).

Nesta visão consumista da igreja e da fé, facilmente ocorrem decepções e frustrações, pois as instituições simplesmente são incapazes de atender as necessidades e expectativas de todas as pessoas, que poderiam muito bem serem chamadas de clientes.

Se os desejos de uma sociedade hedonista são insaciáveis, a única forma de estabelecer e manter vínculos institucionais parece ser a criação de regras e estatutos internos. Esse foi o caminho adotado por muitas igrejas, que, ao longo de sua história desenvolveram uma *práxis* baseada em ideais próprios de conduta, reconfigurando a visão popular do meio evangélico brasileiro, profundamente arraigado no legalismo e moralismo. Porém a estratégia parece não ter dado certo. Como destaca Campos:

Mesmo que, a princípio, o legalismo e o moralismo sejam atraentes, eles acabam criando uma religiosidade escravizante. O evangelicalismo brasileiro está profundamente arraigado em sombras e regras que visam tornar a fé mais visível. A longo prazo, muitas pessoas acabam se desviando e decepcionando com a igreja e consigo mesmos, unicamente porque é impossível aguentar esse rigor extremado da lei, sem o verdadeiro Evangelho, que parece estar cada vez mais ausente neste meio (CAMPOS, 2018).<sup>15</sup>

Neste sentido, pode-se dizer que o caminho do moralismo desconsidera a incapacidade humana de alcançar a perfeição e viver de acordo com altos padrões éticos, conduzindo facilmente à hipocrisia e ao abismo moral entre discurso e prática, que acabam sendo críticas recorrentes dos desigrejados às igrejas institucionais e suas lideranças.

Além disso, torna-se cada vez mais perceptível na sociedade um profundo descrédito da visão popular do pastorado; na representação de pessoas que acabam se autointitulando pastores, bispos e apóstolos, mesmo sem demonstrar qualquer tipo de caminho íntegro e respeitável conhecimento. Como observa Bomilcar:

Um pano de fundo sombrio de desconfiança e descrédito está instalado na sociedade, no meio de tanta confusão entre a comunidade evangélica e na realidade recente do movimento gospel. A designação está desgastada devido aos erros gritantes cometidos na história da igreja recente, atualmente com enorme visibilidade na mídia (BOMILCAR, 2012, p.105).

---

15 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NerMOR7GVIM>.

Sem considerar as práticas abusivas e promessas não cumpridas, já mencionadas neste estudo, esse descrédito do pastorado, bem como a diminuição da relevância da igreja institucional, estão relacionados também com as práticas e ensinamentos “rasos” dos princípios da fé cristã. Segundo Moreland, esta superficialidade aparece em boa parte da literatura evangélica atual e traz impactos profundos às igrejas. Ele escreve:

O que mais vemos atualmente são livros cristãos de autoajuda, cheios de conteúdo self-service [...] Livros a respeito de celebrações cristãs que não serão lidos como livros que equipam pessoas para desenvolver um conhecimento teológico bem argumentado da religião cristã, nem para ocupar o seu lugar no reino de Deus. Tal igreja irá se tornar impotente diante das poderosas forças do secularismo que ameaçam enterrar as ideias cristãs sob um manto de pluralismo sem alma e de cientificismo [...] Em tal contexto, a igreja será tentada a medir seu sucesso quase que somente em termos numéricos – números alcançados graças à acomodação cultural. Dessa forma, a igreja se tornará seu próprio coveiro, seus meios de “sucesso” imediato se transformarão no próprio instrumento que a marginalizará a longo prazo (MORELAND, apud CRAIG, 2010, p.27).

Ao falar a respeito dessa realidade, Craig aponta que muitas das práticas religiosas presentes no evangelicalismo, com enfoque na experiência pessoal e nas emoções, levam as pessoas a desenvolverem uma “fé infantil”,<sup>16</sup> sem nenhum engajamento institucional ou maturidade intelectual. Craig também relaciona essa falta de engajamento intelectual do meio evangélico com o afastamento dos jovens do convívio das igrejas. Para ele, se líderes e leigos não se tornarem intelectualmente maduros e engajados com o evangelho, “corremos um sério risco de perder nossa juventude”,<sup>17</sup> visto que nos colégios e nas faculdades, adolescentes e jovens cristãos são avassaladoramente ata-

---

16 Para Craig, é necessário distinguir entre fé infantil e fé como de uma criança. Uma fé como de uma criança é uma confiança integral em Deus como o Pai Celestial, e Jesus inclusive recomenda esse tipo de fé (Mt 18.1-5; Mc 10.13-16). Em contrapartida, uma fé infantil é uma fé não refletida, imatura, e tal fé não é recomendada (1Co 14.20).

17 Craig relata que constantemente se depara com pais cujos filhos perderam a fé porque não havia ninguém na igreja para responder às suas perguntas sobre a vida e a sociedade. Certamente, essa reflexão vale para pais, pastores e líderes cristãos, que precisam estar preparados e atentos aos questionamentos, dramas e desafios das novas gerações (cf. CRAIG, 2010, p.29).

cados por todas as formas de filosofias não cristãs, unidas a uma proposta de vida baseada no relativismo e na falta de comprometimento com instituições e absolutos morais (cf. CRAIG, 2010, p.27-9).

Muitas vezes, também se torna perceptível nos ambientes cristãos a presença de uma espécie de “piedade popular”. Kleinig atenta para esse fato ao perceber que os cristãos estão sempre prontos para falar de seus sucessos e conquistas, mas, dificilmente, se dispõem a falar publicamente de seus medos e fracassos (KLEINIG, 2019, p.149). A consequência disso é que, facilmente, aqueles que enfrentam problemas pessoais e questionamentos em sua fé podem se sentir excluídos de um ambiente que, aparentemente, não foi feito para eles. Como escreve Kleinig:

Esses lutadores concluem que não tiveram sucesso espiritualmente e podem até concluir que não pertencem à Igreja, visto que parece ser um clube para uma elite espiritual, em vez de um tipo de Pecadores Anônimos [...] já que as pessoas nunca mencionam seus problemas umas para as outras, elas não podem carregar as cargas umas das outras [...] isso dá a Satanás espaço para atacar a Igreja por meio do mal e das feridas que ainda não foram erradicadas, apenas porque têm sido reprimidas (KLEINIG, 2019, p.149-150).

Essa dissimulação consciente, como uma espécie de “censura da realidade”, faz com que essa falsa piedade produza efeitos negativos sobre os membros e sobre a igreja como um todo, por sustentar a falsa ideia de que “bons cristãos prosperam”. Tal realidade certamente contribui para o aumento dos desigrejados que, muitas vezes, por suas fraquezas e dramas pessoais, simplesmente se sentem indignos de estarem no convívio com outros irmãos. Além de impossibilitar a aproximação da igreja à realidade de crises, dúvidas e angústias das pessoas.

Tudo o que foi mencionado nesse tópico é profundamente lamentável para a fé cristã. Neste sentido, as igrejas são convidadas a reavaliar algumas de suas práticas e olhar interessada e carinhosamente para aqueles que Deus trouxe até elas. Algo que está muito além dos números e estatísticas. Isso porque, como destaca Kleinig, quando cristãos decidem se afastar de seus irmãos e irmãs em Cristo, é do próprio Cristo que estão se separando. A consequência direta é a saída da família de Deus e o isolamento crescente na escuridão (KLEINIG, 2019, p.188).

## **A GERAÇÃO EMERGENTE**

“É difícil tolerar os cristãos. Não sei como Jesus os tolera”. Essa frase é atribuída a Bono Vox, vocalista principal da banda de rock irlandesa U2. De certa forma, pelo seu tom crítico, ela representa bem o pensamento da geração emergente, que constitui um grupo à parte dentro da reflexão a respeito dos desigrejados. Essa parcela em particular da população tem sido objeto, mas, ao mesmo tempo, um grande desafio à missão da igreja.

Goheen aponta que, na perspectiva bíblica “a missão não está primordialmente relacionada a ir ou fazer alguma coisa. Missão está relacionada a ser. Está relacionada a um tipo distinto de povo; uma comunidade [...] que exhibe um modo de vida atraente” (GOHEEN, 2014, p.43-4). Nesse sentido, quando se trata da geração emergente, antes de pensar em missão, talvez a igreja tenha que se perguntar: quem ela é para essas pessoas? Como esse tipo distinto de povo, ou essa comunidade de fé é vista pelos de fora?

Em seu abrangente estudo sobre o tema, que servirá de base para este tópico, Kimball constata algo muito interessante: “é uma ironia perceber como as gerações emergentes estão abertas a conversar sobre Jesus, mas não estão nem um pouco interessadas na igreja” (KIMBALL, 2011, p.10).

Segundo o autor, há nesse meio o estereótipo do pastor como uma figura repulsiva, que só serve para julgar e tentar converter as pessoas; ao mesmo tempo em que cultivam uma espécie de pena dos “cristãos comuns”, classificando-os como indivíduos que ainda não se libertaram das garras de uma religião opressora (cf. KIMBALL, 2011, p.24-6).

Kimball também analisa uma série de pesquisas realizadas com jovens em um campus universitário americano. Nelas, duas perguntas eram feitas: 1 – O que vem à sua mente quando você ouve o nome de Jesus? e 2 – O que vem à sua mente quando você ouve a palavra “cristão”?<sup>18</sup> Os resultados foram curiosos e reveladores. Ele relata:

---

18 É interessante reparar como Kimball adota uma forma diferente da abordagem tradicional e manipuladora, como por exemplo: “Você acredita que existe um único caminho que leva a Deus?” ou “O que você acha de absolutos morais?”. Segundo o autor, tais abordagens colocam as pessoas na defensiva e fazem tudo parecer uma armadilha.

As respostas foram surpreendentes e fascinantes. Diante da pergunta a respeito de Jesus, os olhos dos estudantes brilhavam, e sua face se iluminava com um sorriso. Quando ouviam o nome de Jesus, era como se estivéssemos falando sobre um amigo [...] Que experiência incrível! Num campus com reputação anticristã e pagã, os estudantes falavam de Jesus com grande entusiasmo [...] Entretanto, quando perguntamos o que os alunos pensavam dos cristãos e da igreja, as respostas foram bem diferentes. As expressões dos mesmíssimos entrevistados mudavam drasticamente assim que o assunto passava para a igreja, e ouvíamos coisas como “A igreja estraga tudo” e “São um bando de intolerantes que pegam os ensinamentos de Jesus e os transformam em dogmas” (KIMBALL, 2011, p.35).

Um discurso como esse pode ofender os cristãos, afinal, nem todos são fundamentalistas. A grande maioria é composta por pessoas que levam a sério os ensinamentos de Jesus e procuram manter uma postura amorosa com todas as pessoas de seu convívio. Mas então, como os cristãos adquiriram essa imagem? Onde estará o problema? O autor sugere que, talvez, os cristãos, e, principalmente, as lideranças cristãs estejam sem tempo de encontrar e se relacionar com aqueles que gostam de Jesus.

Kimball observa que os cristãos têm uma tendência de manter relacionamentos exclusivamente com pessoas cristãs e que compartilham os mesmos ideais de vida. E assim, com o passar do tempo, cria-se aquilo que o autor chama de “subcultura cristã”. Ele escreve: “sem nos deixar perceber, essa subcultura nos leva a ouvir apenas música gospel, usar camisetas cristãs estranhas com frases impressas e conversar usando sempre algum dialeto cristão” (KIMBALL, 2011, p.38). Ao fazer uma pesquisa interna na comunidade que pastoreava, o autor parece ter detectado o problema:

Devo ter perguntado a 20 ou mais pessoas em minha igreja se elas haviam saído ou conversado recentemente com algum amigo não cristão, e a resposta foi 100% negativa. A ironia é que todas elas trabalhavam com pessoas não cristãs. Eram amistosas com elas [...] mas não levavam isso adiante porque estavam ocupadas demais com suas redes sociais de cristãos e com as atividades na igreja, as atividades que eu mesmo havia programado para elas (KIMBALL, 2011, p.38).

A partir disso, o autor conclui que o problema está justamente neste visível e nocivo distanciamento social entre cristãos e não cristãos. Aqueles que cultivavam uma visão extremamente negativa da igreja obtinham suas impressões da mídia e na literatura anticristã presente em grande parte do meio acadêmico. Somam-se a isso os péssimos exemplos daqueles que insistem em julgar os outros e procuram fazer um “proselitismo a todo custo”, sem estabelecer nenhum tipo de relacionamento ou vínculo pessoal.

Neste sentido, Kimball alerta que, muito facilmente, a vida cristã se torna uma vida dentro da “bolha cristã”. E reconhece:

Quando percebi que realmente nos socializamos apenas com amigos cristãos, também reconheci que, de maneira geral, somos complacentes com relação às pessoas que estão fora da igreja. Não pensamos no destino eterno dessas pessoas. Não nos preocupa se elas estão ou não experimentando a vida abundante que Jesus oferece. Estamos mais preocupados em como estará o clima no encontro de férias da igreja do que com a condição espiritual do nosso próximo e das pessoas com as quais convivemos todos os dias. Tomei consciência de que não vejo gente preocupada com aqueles que ainda não conhecem a Jesus. Estamos todos construindo igrejas melhores para nós mesmos e tornando nossa vida mais confortável dentro da bolha cristã que nós mesmos criamos (KIMBALL, 2011, p.39).

Sem dúvida, várias das reflexões trazidas por Kimball parecem ser muito pertinentes para a temática. De certa forma, esta tensão entre “gostar de Jesus, mas não da Igreja” está presente em todas as “classes” de desigrejados, visto que, mesmo cultivando uma visão negativa da instituição igreja, muitos destes ainda buscam manter uma espécie de comunhão individual com Cristo.

Muitas vezes, pastores e leigos estão ocupados demais com as atividades semanais da congregação, e simplesmente não conseguem alimentar verdadeiramente a comunhão cristã nem se dedicar como deveriam aos irmãos. Parece não haver mais tempo para compartilhar as alegrias, para ouvir o outro, sanar suas dúvidas, visitar os doentes e consolar a sua dor. O ativismo faz com que as necessidades, carências emocionais e espirituais dos membros não sejam observadas e valorizadas como deveriam. Se não há tempo para cuidar os “de dentro”, que dirá para dialogar com os “de fora”.

Se a geração emergente cultiva uma admiração e um carisma pela figura de Jesus Cristo, estando aberta para falar a respeito dele, cabe à igreja vencer os estereótipos de ambos os lados e buscar uma aproximação. Como aponta Goheen: “Evangelismo não é gritar de longe. É estar presente nas situações das pessoas e compartilhar nossa vida com elas. Só então ganhamos o privilégio de falar de Jesus” (GOHEEN, 2019, p.195). A mensagem do evangelho, que não deve ser só proclamada, mas também vivida pela igreja, é capaz de mostrar para estas pessoas que este Jesus, que elas admiram por seus ensinamentos e atos de misericórdia, é muito mais do que um simples homem de virtudes, que pregou a caridade e o amor ao próximo. Ele é o próprio Deus, o Amor encarnado, que também ama e deu a vida por cada uma delas.

## **BUSCANDO CAMINHOS DE ESPERANÇA**

Este estudo não tem como objetivo analisar ou refutar cada um dos argumentos ou críticas dos desigrejados. Ainda assim, a questão teológica envolvendo a temática parece ser muito clara. Como escreve o apóstolo Paulo: “E, assim, a fé vem pelo ouvir, e o ouvir, pela palavra de Cristo” (Rm 10.17). Embora não seja possível emitir nenhum tipo de sentença com relação à fé destas pessoas, o interesse e a sensibilidade partem da percepção de que elas estão distantes dos presentes que Deus deu ao seu povo por meio da igreja. Como destaca Linden, é preciso estar ciente de que as causas para o abandono da igreja podem ser as mais variadas, mas as consequências são as mesmas: afastamento da proclamação pública da Palavra, da recepção da absolvição, do batismo, do sacramento do altar e da comunhão cristã (LINDEN, 2011, p.64). Neste sentido, tornam-se significativas as palavras de Phillips:

É preocupante que as pessoas acreditem que vão se salvar sem as coisas que Jesus Cristo deixou para salvá-las [...] Ele não deixou para trás uma verdade que você abraça uma vez e então se esforça para confessá-la internamente pelo resto da sua vida. Ele deixou para trás a Igreja, a comunidade [...] pessoas que foram enviadas para pregar a Palavra, para te lembrar regularmente das promessas de Deus e te dar o Evangelho, não só em formas

orais, mas visuais e Sacramentais. E se Jesus acha que tudo isso é necessário para a vida de fé e para que a Igreja seja construída e sobreviva de geração em geração aqui na Terra, então vou confiar nele (PHILLIPS, 2019).<sup>19</sup>

Mesmo tendo a nobre tarefa de administrar os meios pelos quais a “multiforme graça de Deus” se revela aos homens, a igreja precisa estar ciente de que jamais será perfeita. Antes, ela também vive suas próprias lutas e contradições. Como escreve Bomilcar:

Uma mesma comunidade abençoa e fere, anima e desanima, acolhe e exclui, acerta e erra, realiza e frustra [...] é uma comunidade de seres humanos, não de anjos infalíveis. A igreja é como a vida comum, afinal. Não há mágica, não há espiritualização mística. Há encontros e desencontros cotidianos, nos quais nos inserimos com responsabilidades e privilégios, ora usufruindo dela, ora desperdiçando o melhor que ela tem (BOMILCAR, 2012, p.31).

Em meio a esse contraste, guiada pela Palavra de Deus e confiante de que o Senhor Jesus continua agindo salvificamente por meio dela, a igreja poderá assumir uma postura autocrítica; refletindo sobre a melhor forma de cuidar das pessoas e tratar seus próprios problemas, muitos dos quais foram citados até aqui. O objetivo principal parece ser a criação de um ambiente relacional mais saudável e compatível com o evangelho que está presente e atuante em seu meio. Como destaca Kimball, é preciso garantir que a única “pedra de tropeço” na igreja seja a cruz, e não as atitudes de alguns cristãos, as práticas abusivas, os julgamentos, as estruturas, a subcultura cristã ou qualquer outra coisa que possa ser colocada no caminho dos pecadores antes mesmo que estes consigam chegar à cruz (KIMBALL, 2011, p.234).

Da mesma forma, os cristãos precisam estar cientes de que não são meros expectadores ou consumidores, mas parte integrante da igreja na qual congregam, tendo também a responsabilidade de incentivar e manter a harmonia e a união entre os irmãos na fé. Pois como aponta

---

<sup>19</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WUcYqnu--4A&list=LL&index=11&ab>>. Tradução livre.

Bomilcar: “Afastar-se da igreja ou ir para um grupo pequeno se tornou um jargão para tentarmos resolver nosso próprio fracasso em promover um ambiente favorável para a comunhão e integração cristãs” (BOMILCAR, 2012, p.202).

No que se refere a qualquer iniciativa missional, visando a reincorporação dos desigrejados no convívio das comunidades cristãs, o maior desafio parece ser realmente a quebra de estereótipos. Isso porque, como foi visto, boa parte desses cultivam uma visão profundamente negativa da igreja, o que, automaticamente, impossibilita a aproximação.

Nesse ponto é importante lembrar que é somente Deus quem busca, perdoa e acolhe no seio da igreja. Como escreve Linden: “Não se pode roubar de Deus esta primazia no tratamento com o pecador. Por mais que a igreja seja parte integrante na tratativa, é Deus o sujeito da ação” (LINDEN, 2011, p.70). Ainda assim, algumas iniciativas podem ser tomadas.

Dentro da proposta do trabalho, a primeira iniciativa parece ser realmente despertar o interesse e estimular o estudo contínuo da temática. Além disso, torna-se fundamental que a discussão entre também nos ambientes eclesiais, despertando um interesse genuíno por estas pessoas que estão distantes da comunhão cristã. Essa disposição vai muito além do evangelismo, mas estende-se aos dramas, angústias e problemas reais que elas enfrentam. Como escreve Goheen: “O interesse incansável e genuíno pelas pessoas, por suas necessidades e sonhos, bem como um ouvido atento e solidário, irão revestir-se do evangelho no amor de Cristo” (GOHEEN, 2019, p.196). Ainda nesta linha, Kimball observa que muitos dos desigrejados não buscam uma igreja perfeita, mas uma igreja que se importe realmente com os ensinamentos de Jesus e com elas (KIMBALL, 2011, p.251).

A segunda iniciativa está baseada na construção ou restabelecimento de vínculos de confiança. Parece estar claro que a igreja institucional precisa criar novas percepções a respeito de si mesma. Para Kimball, “muitas pessoas mudarão de ideia sobre a igreja se conhecerem instituições e cristãos que quebrem os estereótipos [...] essas pessoas precisam estar num relacionamento com alguém em quem possam confiar” (KIMBALL, 2011, p.254-5). Neste sentido, estes vínculos de confiança podem construir pontes sobre a visão profundamente negativa que os desigrejados têm a respeito da igreja e de seus membros. Esse processo

passa pela percepção de que aqueles que estão fora da igreja não são simples alvos de missão, que podem ser descartados diante do aparente desinteresse pelo convívio de fé. Trata-se de pessoas pecadoras e carentes, que precisam ser ouvidas e valorizadas como seres humanos igualmente salvos e amados por Cristo.

A última iniciativa proposta por este estudo está baseada em uma reflexão sobre a própria pessoa de Jesus Cristo, e a maneira como ele ensinava e acolhia a todas as pessoas. Keller observa que nos relatos dos evangelhos, de maneira geral, aqueles que eram considerados religiosos praticantes escandalizavam-se com os ensinamentos de Jesus, ao passo que aqueles que eram considerados imorais e alienados das práticas religiosas, em muitos momentos, ficavam fascinados e se sentiam atraídos por ele (KELLER, 2018, p.24). Quando esses religiosos perguntaram aos discípulos: “Por que o Mestre de vocês come com os publicanos e pecadores?”, Jesus respondeu: “Os santos não precisam de médico, e sim os doentes [...] Pois não vim chamar justos, e sim pecadores” (Mateus 9.11-13).

Neste sentido, Keller chama a atenção para o fato de que, em nossos dias, essa não é a reação despertada pela maioria das igrejas. De maneira geral, mas não como regra, as diferentes denominações acabam atraindo para o seu convívio pessoas mais conservadoras, ortodoxas e moralistas. Não que essas não devam estar ali. O problema é que, enquanto isso, os licenciosos, os emocionalmente dilacerados e os marginalizados na sociedade geralmente evitam ou se afastam da igreja (KELLER, 2018, p.25). Para ele, há uma só explicação para esse fenômeno: “Se a pregação de nossos pastores e as ações dos membros de nossas igrejas não exercem sobre as pessoas o mesmo efeito que Jesus exercia, então a mensagem que estamos proclamando não é a mesma que ele proclamava” (KELLER, 2018, p.25).

Além de ser uma crítica profunda a algumas das posturas, posicionamentos e práticas da igreja e de seus membros, esta reflexão é também uma luz que pode guiar e orientar as mais diferentes iniciativas missionais para com os desigrejados. Os evangelhos mostram que uma igreja verdadeiramente atraente e acolhedora é uma igreja onde os rebeldes e fracos também são aceitos, pastoreados e tratados com dignidade. Uma comunidade de fé com jeito de Jesus.

## CONSIDERAÇÕES

É importante que o estudo da temática não crie nos meios eclesiais um ambiente de acusações e de busca por culpados. Lembrando que todos estavam distantes da igreja até que Deus os chamou para perto de si e de suas dádivas. Pois somente o Espírito Santo é quem “chama, congrega, ilumina e santifica a toda cristandade na Terra”. Nesta perspectiva, igrejas e desigrejados podem e devem dialogar, acolher-se mutuamente e se fortalecer com o amparo que todos têm em comum no Salvador Jesus.

Seguindo sua proposição analítica, o estudo demonstrou que, nos últimos anos, o número de pessoas que optaram por viver a sua fé longe da comunhão cristã vem aumentando significativamente. Está claro também que não há uma homogeneidade neste grupo. A decisão de se tornar um desigrejado está relacionada a diferentes causas internas e externas; desde a pecaminosidade humana, passando pelas práticas abusivas das lideranças religiosas até o individualismo crescente na sociedade contemporânea. A percepção de que muitos dos desigrejados, mesmo cultivando uma visão profundamente negativa da igreja, continuam se declarando cristãos e buscando um contato com o Sagrado é profundamente significativa.

Certamente, não deveria ser motivo de orgulho para as igrejas que muitas dessas pessoas, que já foram alcançadas por Deus, através dos meios da graça, acabaram escapando por entre os dedos da imensa mão institucional. Por isso é necessário ter discernimento e coragem. Discernimento para falar do assunto, para refletir sobre o ensino, as estruturas e práticas que colaboram para o afastamento desses cristãos do meio eclesial. Coragem para ser verdadeiramente a igreja de Cristo que, em fidelidade à Palavra de Deus, busca, acolhe, consola e conduz os pecadores ao Bom Pastor Jesus.

Propostas concretas de aproximação aos desigrejados poderiam ser tema de um estudo continuado. Ainda assim, entende-se que todas as reflexões trazidas se tornam importantes. A quebra de estereótipos, o interesse contínuo e o estabelecimento de vínculos de confiança parecem ser caminhos necessários, seguros e equilibrados para a missão.

Se o encanto, a paixão, a cor, o brilho nos olhos, os sonhos, a esperança de vivenciar a natureza e a essência da *ekklesia* se foram; e se, como instituição divino-humana, a própria igreja tem sua parcela de responsabilidade neste cenário, talvez seja hora deste olhar novamente para o seu

Senhor. Se Jesus Cristo era e ainda é atraente para muitas pessoas e suas palavras continuam trazendo perdão e esperança aos pecadores, a igreja, como seu corpo, noiva e legítima representante no mundo, também poderá ser. Porém isso só será possível enquanto ela permanecer fiel ao evangelho, refletindo em seus ensinamentos, posicionamentos, relacionamentos e práticas, a face daquele que a ama e a comprou com seu santo e precioso sangue.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. *Um mundo num grão de areia: o ser humano e seu universo*. Campinas: Verus, 2002.

AZEVEDO, Israel Belo de. *Gente cansada da igreja*. São Paulo: Hagnos, 2010.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada: antigo e novo testamento*. Edição Nova Almeida Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BOMILCAR, Nelson. *Os sem igreja: buscando caminhos de esperança na experiência comunitária*. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

CAMPOS, Idauro. *Desigrejados: teoria, história e contradições do niilismo eclesial*. Rio de Janeiro: bvbooks, 2017.

CAMPOS, Heber Jr. *Religiosidade Escravizante*. Consciência Cristã. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NerMOR7GVIM&ab>>. Acesso em: 5 nov.2020.

CÉSAR, Marília de Camargo. *Feridos em Nome de Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

CRAIG, William L. *Apologética para questões difíceis da vida*. Tradução de Heber Carlos de Campos. São Paulo: Vida Nova, 2010.

DUNKER, Christian. *Narcisismo e a Cultura da Indiferença*. Casa do Saber. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NSQeGipn-5Zw&list>>. Acesso em: 5 nov.2020.

GOHEEN, Michael W. *A missão da igreja hoje: A Bíblia, a história e as questões contemporâneas*. Tradução de Valéria Lamim Delgado Fernandes. Viçosa: Ultimato, 2019.

\_\_\_\_\_. *A Igreja Missional na Bíblia: Luz para as nações*. Tradução de Ingrid Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KELLER, Timothy. *O Deus pródigo: recuperando a essência da fé cristã*. Tradução de Robinson Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 2018.

KIMBALL, Dan. *Eles gostam de Jesus, mas não da igreja*: insights das gerações emergentes sobre a igreja. Tradução de Marson Guedes. São Paulo: Vida, 2011.

KLEINIG, John W. *Graça sobre graça*: espiritualidade para hoje. Tradução de Rony Marquardt. Porto Alegre: Concórdia, 2019.

MACIEL, Rebecca Ferreira Lobo Andrade. Cristãos sem igreja: um olhar a partir da contemporaneidade. *Sacrilegens*. Juiz de Fora, v.12, n.2, p.87-99, jul.dez. 2015. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2016/03/12-2-8.pdf>>. Acesso em: 15 nov.2021.

MARINHO, Karina Passos. Os Desigrejados. *Teologia Brasileira*. São Paulo, n.70, ago.2018. Disponível em:<<https://teologiabrasileira.com.br/os-desigrejados/>>. Acesso em: 15 nov.2021.

LINDEN, Gerson Luís. A Busca dos Afastados. In: GRAFF, Anselmo Ernesto (Org.). *Missão da Igreja e Evangelização*. Porto Alegre: Concórdia, 2011.

LOPES, Augustus Nicodemus. *Os Desigrejados*. Disponível em: <<http://tempora-mores.blogspot.com/2010/04/os-desigrejados.html>>. Acesso em: 5 nov.2020.

LOPES, Hernandes Dias. *Desigrejados*. Igreja Presbiteriana de Pinheiros. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xnUA0S0bJIY&ab>>. Acesso em: 5 nov.2020.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Bye bye Brasil – o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos Avançados*. São Paulo, n.52, p.17-46, set.dez.2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a03v1852.pdf>>. Acesso em: 15 nov.2021.

PHILLIPS, Eric. *Eu não Preciso de Igreja*. Foco Luterano. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WUcYqnu--4A&list=LL&index=11&ab>. Acesso em: 5 nov.2020.

RODRIGUES, Denise dos Santos. Religiosos Sem Igreja: Um Mergulho na Categoria Censitária dos Sem Religião. *Rever - Revista de Estudos da Religião*. São Paulo, n.4, p.31-56, dez.2007. Disponível em: <[www.pucsp.br/rever/rv4\\_2007/t\\_rodrigues.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv4_2007/t_rodrigues.pdf)>. Acesso em: 15 nov.2021.

\_\_\_\_\_. Transformações no Cenário Religioso Brasileiro Revelado em Pesquisa Durante o Alistamento Militar. Congresso Brasileiro de Sociologia, 15, *Anais*. Curitiba: 2011. Disponível em: <[http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com\\_docman&task=cat\\_view&gid=188&Itemid=171](http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=188&Itemid=171)>. Acesso em: 15 nov.2021.

ROMEIRO, Paulo Rodrigues. Esperança e Decepção. *Ciências da Religião – História e Sociedade*. São Paulo, v.5, n.2, p.123-141, dez.2007. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/490>>.

Acesso em: 15 nov.2021.

SANTOS, Douglas Alessandro Souza. *Os desigrejados: um caso de reconfiguração religiosa entre os evangélicos brasileiros no contexto da modernidade radicalizada*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista: Araraquara, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/152903>>. Acesso em: 15 nov.2021.

SANTOS, Oseias Silva dos. *Individualismo, um câncer na igreja pós-moderna*. Curitiba: CRV, 2019.

VALLA, Victor Vicent. Religiosidade, Apoio Social e Cuidado Integral à Saúde: uma Proposta de Investigação Voltada para as Classes Populares. In: PINHEIRO, Roseni; MATTOS, Ruben Araujo (Orgs.). *Cuidado: as fronteiras da integralidade*. 3.ed. Rio de Janeiro: CEPESC, UERJ, ABRASCO, 2006.

VIOLA, Frank A. *Cristianismo pagão: a origem das práticas de nossa igreja moderna*. Tradução de Railton de Sousa Guedes. Gainesville: Present Testimony Ministry, 2005.